



Visão

03-10-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Política

Dimensão: 222

Imagem: S/Cor

Página (s): 16/17



Luís Marques Mendes E agora?

1. O que têm em comum os anos de 1989, 2001 e 2013? Um teramoto eleitoral autárquico. Em 1989, o PSD sofreu uma pesada derrota eleitoral. Em 2001, o PS teve um dos seus maiores desaires autárquicos. Este ano desabou sobre o PSD uma hecatombe eleitoral. As coincidências, porém, acabam aqui. Quando analisamos a forma de ultrapassar a situação, já as diferenças são maiores que as semelhanças. Cavaco Silva resolveu o problema de 1989 com a receita tradicional. Fez uma remodelação do Governo, abriu os cordões à bolsa, criou, entre outras regalias, o 14.º mês para pensionistas e reformados e ganhou uma nova maioria absoluta. Guterres, 12 anos depois, seguiu uma terapia atípica. Antecipou o pântano e demitiu-se do Governo, dando lugar a eleições antecipadas. Só que Passos Coelho não pode seguir nenhum destes caminhos. Não pode remodelar o Governo, porque o fez há dois meses, não pode deitar a

toalha ao chão, porque isso seria fatal e não pode distribuir benesses aos cidadãos, porque o Estado não dispõe de dinheiro para tal. Pelo contrário, tem de continuar a fazer cortes estruturais, porque a *troika* os exige e porque os não fez quando os devia ter feito, no início da governação. Está, portanto, numa encruzilhada. Com a derrota do passado domingo, o

Com a derrota do passado domingo, o Governo ficou mais fraco. Ao contrário, os seus adversários ficaram mais fortes. Mesmo assim, entre ventos e marés, o Governo tem de levar a carta a Garcia.



Governo ficou mais fraco. Ao contrário, os seus adversários ficaram mais fortes. Mesmo assim, entre ventos e marés, o Governo tem de levar a carta a Garcia, sob pena de o seu fracasso ser o fracasso do País. Não é uma tarefa fácil. Mas é um desafio essencial.

2. Se o Governo pensa fazer de conta que nada se passou e manter tudo na mesma, está perdido. Mais do mesmo conduz ao bloqueio e ao pântano. Pensar que o problema não reside em culpa própria mas sim na responsabilidade alheia é difícil de admitir. Afinal, sempre se torna mais fácil mudar de Governo que mudar de povo. Pode, é verdade, ser difícil alterar a substância política. Nem a *troika* nem as

Visão

03-10-2013

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 132725**Temática:** Política**Dimensão:** 222**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 16/17

condições financeiras o autorizam. Mas é essencial mudar o modo de governar e a forma de relacionamento com os cidadãos. Não se trata, apenas, de uma questão de comunicação. Trata-se, antes de mais, de um problema de justiça, de atitude e de estado de espírito.

O País tem a sensação de que os sacrifícios recaem sempre sobre os mesmos. É preciso cuidar da equidade, da proporcionalidade e da justiça relativa. Os portugueses intuem que o Governo é forte com os fracos e fraco com os fortes. É preciso dar um outro exemplo de equilíbrio e isenção. Os cidadãos sentem que há sobrançeria a mais, humildade e diálogo a menos. É preciso inverter a equação. O Governo insiste numa cultura de solidão decisória. Os tempos de hoje exigem uma relação de parceria e de envolvimento da sociedade na tomada de decisões.

Mais do que económico e financeiro, o problema é, sobretudo, político. Esperemos que haja inteligência bastante para o perceber. Antes que seja tarde. 